

## DESAFIOS PARA A HUMANIDADE E A MISSÃO DA IGREJA

### INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - JANEIRO

**(BR - PT) Para que, nos países asiáticos, os cristãos, bem como as outras minorias religiosas, possam viver a sua fé com toda a liberdade.**



[...] São José Vaz continua a ser um exemplo e um mestre por muitas razões, mas gostaria de focalizar três.

Antes de mais nada, foi um sacerdote exemplar. Hoje temos aqui conosco muitos sacerdotes, religiosos e religiosas, que, como ele, estão consagrados ao serviço do Evangelho de Deus e do próximo. Encorajo cada um de vós a olhar para São José como para um guia seguro. Ensina-nos a sair para as periferias, a fim de tornar Jesus Cristo conhecido e amado por toda a parte. Ele é também um exemplo de sofrimento paciente por causa do Evangelho, de obediência aos superiores, de solícito cuidado pela Igreja de Deus (cf. Act 20, 28). Como nós, São José viveu num período de transformações rápidas e profundas; os católicos eram uma minoria e, com frequência, dividida no seu seio; havia hostilidade ocasional, e até mesmo perseguição, dos de fora. Apesar disso, ele, permanecendo constantemente unido ao Senhor crucificado na oração, foi capaz de se tornar para todos um ícone vivo do amor misericordioso e reconciliador de Deus.

Em segundo lugar, São José mostrou-nos a importância de transcender as divisões religiosas no serviço da paz. O seu amor indiviso a Deus abriu-o ao amor do próximo; gastou o seu ministério em favor dos necessitados, sem olhar quem fosse e onde estivesse. O seu exemplo continua a inspirar hoje a Igreja no Sri Lanka, a qual, de bom grado e generosamente, serve todos os membros da sociedade. Não faz distinção de raça, credo, tribo, condição social ou religião, no serviço que

proporciona através das suas escolas, hospitais, clínicas e muitas outras obras de caridade. Nada mais pede do que liberdade para exercer a sua missão. A liberdade religiosa é um direito humano fundamental. Cada indivíduo deve ser livre de procurar, sozinho ou associado com outros, a verdade, livre de expressar abertamente as suas convicções religiosas, livre de intimidações e constrações externas. Como nos ensina a vida de José Vaz, a autêntica adoração de Deus leva, não à discriminação, ao ódio e à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, ao respeito pela dignidade e a liberdade dos outros e a um solícito compromisso em prol do bem-estar de todos.

Finalmente, São José oferece-nos um exemplo de zelo missionário. Embora tenha partido para o Ceilão a fim de assistir e apoiar a comunidade católica, na sua caridade evangélica ele veio para todos. Deixando para trás a sua casa, a sua família, o conforto dos lugares que lhe eram familiares, respondeu à chamada para ir mais longe, para falar de Cristo onde quer que se encontrasse. São José sabia como oferecer a verdade e a beleza do Evangelho num contexto plurirreligioso, com respeito, dedicação, perseverança e humildade. Este é, também hoje, o caminho para os seguidores de Jesus. Somos chamados a ir mais longe com o mesmo zelo, com a mesma coragem de São José, mas também com a sua sensibilidade, com o seu respeito pelos outros, com a sua ânsia de partilhar com eles a palavra da graça (cf. Act 20, 32) que tem o poder de os edificar. Somos chamados a ser discípulos missionários.

Amados irmãos e irmãs, rezo para que, seguindo o exemplo de São José Vaz, os cristãos desta nação possam ser confirmados na fé e dar uma contribuição ainda maior para a paz, a justiça e a reconciliação na sociedade srilanquesa. Isto é o que Cristo espera de vós. Isto é o que São José vos ensina. Isto é o que a Igreja precisa de vós. Confio-vos todos à intercessão do nosso novo Santo, para que, em união com toda a Igreja espalhada pelo mundo inteiro, possais cantar um cântico novo ao Senhor e proclamar a sua glória até aos confins do mundo. Porque o Senhor é grande e digno de todo o louvor (cf. Sal 96/95, 4). Amen.

SANTA MISSA E CANONIZAÇÃO DO BEATO JOSÉ VAZ - HOMILIA  
PAPA FRANCISCO  
14 de Janeiro de 2015

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150114\\_srilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150114_srilanka-filippine-omelia-canonizzazione.html)

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

**Outros textos:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco\\_20170428\\_egitto-conferenza-pace.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html)

## INTENÇÃO UNIVERSAL – FEVEREIRO

**(BR - PT) Para que aqueles que têm poder material, político ou espiritual não se deixem dominar pela corrupção.**



Na missa celebrada na sexta-feira, 8 de Novembro, o Papa Francisco — ao propor uma reflexão sobre a figura do administrador desonesto descrita no trecho litúrgico do Evangelho de Lucas (16, 1-8) frisou que os administradores corruptos «devotos da deusa ilegalidade» cometem um pecado grave contra a dignidade» e dão de comer aos próprios filhos «pão sujo»: a esta «astúcia mundana» deve-se responder com a «astúcia cristã» que é «um dom do Espírito Santo».

«O Senhor — disse o Papa — volta a falar-nos do espírito do mundo, da mundanidade; como age esta mundanidade e quanto é perigosa. E Jesus, precisamente ele, na oração depois da ceia da quinta-feira santa, rezava ao Pai para que os seus discípulos não caíssem na mundanidade», no espírito do mundo.

O administrador descrito na página evangélica é «um exemplo de mundanidade. Algum de vós — fez notar o Pontífice — poderá dizer: mas este homem fez o que todos fazem». Na realidade, «nem todos!»; este é o modo de agir de «alguns administradores do governo. Talvez não sejam muitos». Em suma, «é um pouco daquela atitude do caminho mais breve, mais cómodo para ganhar a vida». O Evangelho narra que o homem rico «elogiou aquele administrador desonesto». E este — comentou o Papa — «é um louvor à ilegalidade. O costume da ilegalidade é mundano e muito pecador». Certamente, é um hábito que nada tem a ver com Deus.

Com efeito, prosseguiu, «Deus deu-nos este mandamento: levar o pão para casa com o nosso trabalho honesto». Ao contrário, «este administrador dava aos seus filhos pão sujo. E os seus filhos,

talvez educados em colégios caros, talvez crescidos em ambientes cultos, tinham recebido do seu pai sujidade como alimento. Porque o seu pai levando para casa pão sujo tinha perdido a dignidade. E este é um pecado grave». Talvez, especificou o Papa, «se comece com um pequeno suborno, mas é como a droga». E mesmo se o primeiro suborno é «pequeno, depois vem outro e outro ainda; e acaba-se na doença da dependência da ilegalidade».

Mas há outro caminho, o da «astúcia cristã» — «entre aspas», disse o Papa — que permite «fazer as coisas com um pouco de rapidez mas não com o espírito do mundo. O próprio Cristo o disse: astutos como as serpentes, puros como as pombas». Combinar «estas duas» realidades é «uma graça» e «um dom do Espírito Santo». Por isso, devemos pedir ao Senhor que sejamos capazes de praticar a «honestidade na vida, aquela honestidade que nos faz trabalhar com rectidão, sem entrar nesse círculo».

#### MEDITAÇÕES MATUTINAS

Francisco

8 de de Novembro de 2013

#### **Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco\\_20131114\\_meditazioni-25.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131114_meditazioni-25.html)

© Copyright 2013 - Libreria Editrice Vaticana

#### **Outros textos:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141023\\_associazione-internazionale-diritto-penale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141023_associazione-internazionale-diritto-penale.html)



## INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – MARÇO

**(BR - PT) Para que toda a Igreja reconheça a urgência da formação para o discernimento espiritual, a nível pessoal e comunitário.**



O cristão, para viver o momento sem se deixar enganar, deve orientar-se com a oração e o discernimento. «Jesus repreende os que não sabiam discernir o momento», acrescentou o Papa que se referiu em seguida à parábola da figueira (*Mc* 13, 28-29). O discernimento, explicou, «serve para conhecer os verdadeiros sinais, para conhecer a estrada que devemos empreender neste momento». A oração, prosseguiu o Pontífice, é necessária para viver bem este momento.

No que diz respeito ao tempo, nós — afirmou o Pontífice — nada podemos fazer. De facto, não há virtude humana que sirva para exercer poder algum sobre o tempo. A única virtude possível para encarar o tempo «deve ser um dom de Deus: a esperança».

Oração e discernimento para o momento; esperança para o tempo: «desta forma o cristão caminha na estrada do momento, com a oração e o discernimento. Mas deixa o tempo à esperança».

### MEDITAÇÕES MATUTINAS

Francisco

26 de Novembro de 2013

**Consulte a mensagem completa:**

[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco\\_20131128\\_meditazioni-27.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2013/documents/papa-francesco_20131128_meditazioni-27.html)

## INTENÇÃO UNIVERSAL – ABRIL

**(PT) Para que os responsáveis pelo planeamento e pela gestão da economia tenham a coragem de rejeitar uma economia da exclusão e saibam abrir novos caminhos.**

**(BR) Para que os responsáveis pelo planejamento e pela gestão da economia tenham a coragem de rejeitar uma economia da exclusão e saibam abrir novos caminhos.**



Além do aspeto imediato e prático de fornecer ajuda material a estes nossos irmãos e irmãs, a comunidade internacional está chamada a encontrar respostas políticas, sociais e económicas a longo prazo para problemáticas que superam os confins nacionais e continentais e envolvem a família humana inteira.

A luta contra a pobreza não é só um problema económico mas antes de tudo moral, que apela a uma solidariedade global e ao desenvolvimento de uma abordagem mais equilibrada em relação aos necessitados e às aspirações dos indivíduos e povos em todo o mundo. À luz desta tarefa comprometedora, a iniciativa da vossa Fundação é particularmente tempestiva. Inspirando-se no rico património da Doutrina social da Igreja, a presente Conferência explora a partir de diversos pontos de vista as implicações práticas e éticas da atual economia mundial, enquanto, ao mesmo tempo, procura assentar os alicerces para uma cultura económica e dos negócios que seja mais inclusiva e respeitadora da dignidade humana. Como são João Paulo II repetiu muitas vezes, a atividade económica não pode ser gerida num vazio institucional nem político (cf. Carta

encíclica *Centesimus annus*, 48), mas possui um componente ético essencial; deve também pôr-se sempre ao serviço da pessoa humana e do bem comum.

Uma visão económica exclusivamente orientada para o lucro e o bem-estar material — como a experiência nos mostra quotidianamente — é incapaz de contribuir de modo positivo para uma globalização que favoreça o desenvolvimento integral dos povos no mundo, uma distribuição justa dos recursos, a garantia de trabalho digno e o crescimento da iniciativa privada e das empresas locais. A economia da exclusão e da iniquidade (cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 53) produz um número cada vez maior de deserdados e de pessoas descartadas como improdutivas e inúteis. Os efeitos são percebidos também nas sociedades mais desenvolvidas, nas quais o crescimento em percentagem da pobreza e a decadência social representam uma séria ameaça para as famílias, para a classe média que se retrai e, de modo particular, para os jovens. Os índices de desemprego juvenil são um escândalo que não só requer que seja enfrentado primeiramente em termos económicos, mas deve ser tratado também, e não menos urgentemente, como doença social, dado que à nossa juventude é roubada a esperança e são desperdiçados os seus grandes recursos de energia, criatividade e intuição.

A minha esperança é que a vossa Conferência possa contribuir para gerar novos modelos de progresso económico orientados mais diretamente para o bem comum, a inclusão e o desenvolvimento integral, para o incremento do trabalho e o investimento nos recursos humanos. O Concílio Vaticano II frisou justamente que, para os cristãos, a atividade económica, financeira e dos negócios não pode ser separada do dever de lutar pelo aperfeiçoamento da ordem temporal em conformidade com os valores do Reino de Deus (cf. Const. past. *Gaudium et spes*, 72). Com efeito, a vossa vocação consiste no serviço da dignidade humana e da construção de um mundo de autêntica solidariedade. Iluminados e inspirados pelo Evangelho, e mediante uma frutuosa cooperação com as Igrejas locais e os seus Pastores, e também com outros crentes e homens e mulheres de boa vontade, possa o vosso trabalho contribuir sempre para o crescimento daquela civilização do amor que abraça a inteira família humana na justiça e na paz.

Sobre todos vós e sobre as vossas famílias invoco a bênção do Senhor e os seus dons de sabedoria, alegria e fortaleza.

DISCURSO AOS PARTICIPANTES NA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL  
DA FUNDAÇÃO CENTESIMUS ANNUS PRO PONTIFICE

Francisco

13 de maio de 2016

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco\\_20160513\\_centesimus-annus-pro-pontifice.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160513_centesimus-annus-pro-pontifice.html)



## INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – MAIO

**(PT) Para que os fiéis leigos realizem a sua missão específica colocando a sua criatividade ao serviço dos desafios do mundo atual.**

**(BR) Para que os fiéis leigos realizem a sua missão específica colocando a sua criatividade a serviço dos desafios do mundo atual.**



[...] Muitas vezes caímos na tentação de pensar que o leigo comprometido é aquele que trabalha nas obras da Igreja e/ou nas realidades da paróquia ou da diocese, e refletimos pouco sobre o modo como acompanhar um batizado na sua vida pública e quotidiana; sobre como, na sua atividade diária, com as responsabilidades que tem, se compromete como cristão na vida pública. Sem nos darmos conta disso, gerámos uma elite laical acreditando que só são leigos comprometidos os que trabalham nas realidades «dos sacerdotes», e esquecemos, descuidando-o, o crente que muitas vezes queima a sua esperança na luta quotidiana para viver a fé. São estas as situações que o clericalismo não pode ver, porque está mais preocupado em dominar espaços do que em gerar processos. Portanto, devemos reconhecer que o leigo para a sua realidade, a sua identidade, por estar imerso no coração da vida social, pública e política, por ser partícipe de formas culturais que se geram constantemente, precisa de novas formas de organização e de celebração da fé. Os ritmos atuais são muito diversos (não digo melhores nem piores) dos que vivíamos há trinta anos! «Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas» (*Evangelii gaudium*, 73). É ilógico e até impossível, pensar que como pastores deveríamos ter um monopólio das soluções para os múltiplos desafios que a vida contemporânea nos apresenta. Pelo contrário, devemos estar do lado do nosso povo, acompanhando-o nas suas buscas e estimulando a imaginação capaz de responder à problemática atual. Discernindo com o nosso povo e nunca para o nosso povo nem sem o nosso povo. Como diria santo Inácio, «segundo as necessidades de lugares, tempos e pessoas». Isto é, não uniformizando.



Não se podem dar diretrizes gerais para organizar o povo de Deus no âmbito da sua vida pública. A inculturação é um processo que nós pastores somos chamados a estimular, encorajando o povo a viver a própria fé onde está e com quem está. A inculturação é aprender a descobrir como uma determinada porção do povo de hoje, no aqui e agora da história, vive, celebra e anuncia a própria fé. Com uma identidade particular e com base nos problemas que deve enfrentar, assim como com todos os motivos que tem para se alegrar. A inculturação é um trabalho artesanal e não uma fábrica para a produção em série de processos que se dedicariam a «fabricar mundos ou espaços cristãos».

No nosso povo é-nos solicitado que conservemos duas memórias. A de Jesus Cristo e a dos nossos antepassados. Recebemos a fé, ela foi um dom que nos veio em muitos casos pelas mãos das nossas mães, das nossas avós. Elas foram a memória viva de Jesus Cristo dentro das nossas casas. Foi no silêncio da vida familiar que a maior parte de nós aprendeu a rezar, a amar, a viver a fé. Foi na vida familiar que depois assumiu a forma de paróquia, de escola e de comunidade, que a fé entrou na nossa vida e se fez carne. Foi esta fé simples que nos acompanhou muitas vezes nas diversas vicissitudes do caminho. Perder a memória significa erradicar-nos do lugar de onde viemos e por conseguinte, não saber nem para onde ir. Isto é fundamental, quando erradicamos um leigo da sua fé, daquela das suas origens; quando o erradicamos do Santo Povo fiel de Deus, erradicamo-lo da sua identidade batismal e assim privamo-lo da graça do Espírito Santo. O mesmo acontece conosco quando nos erradicamos como pastores do nosso povo, perdemo-nos. O nosso papel, a nossa alegria, a alegria do pastor, consiste precisamente em ajudar e estimular, como fizeram muitos antes de nós — mães, avós e sacerdotes — verdadeiros protagonistas da história. Não por uma nossa concessão de boa vontade mas por direito e estatuto próprio. Os leigos são parte do Santo Povo fiel de Deus e portanto os protagonistas da Igreja e do mundo; somos chamados a servi-los, não a servir-nos deles. [...]

CARTA AO CARDEAL MARC OUELLET,  
PRESIDENTE DA PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA  
Francisco  
19 de março de 2016

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html)

© Copyright 2016 - Libreria Editrice Vaticana

**Outros textos:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150926\\_usa-omelia-philadelphia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150926_usa-omelia-philadelphia.html)

## INTENÇÃO UNIVERSAL – JUNHO

(BR - PT) Para que as redes sociais favoreçam a solidariedade e o respeito pelo outro na sua diferença.



Hoje vivemos num mundo que está a tornar-se cada vez menor, parecendo, por isso mesmo, que deveria ser mais fácil fazer-se próximo uns dos outros. Os progressos dos transportes e das tecnologias de comunicação deixam-nos mais próximo, interligando-nos sempre mais, e a globalização faz-nos mais interdependentes. Todavia, dentro da humanidade, permanecem divisões, e às vezes muito acentuadas. A nível global, vemos a distância escandalosa que existe entre o luxo dos mais ricos e a miséria dos mais pobres. Frequentemente, basta passar pelas estradas duma cidade para ver o contraste entre os que vivem nos passeios e as luzes brilhantes das lojas. Estamos já tão habituados a tudo isso que nem nos impressiona. O mundo sofre de múltiplas formas de exclusão, marginalização e pobreza, como também de conflitos para os quais convergem causas económicas, políticas, ideológicas e até mesmo, infelizmente, religiosas.

Neste mundo, os *mass-media* podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros; a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna. Uma boa comunicação ajuda-nos a estar mais perto e a conhecer-nos melhor entre nós, a ser mais unidos. Os muros que nos dividem só podem ser superados, se estivermos prontos a ouvir e a aprender uns dos outros. Precisamos de harmonizar as diferenças por meio de formas de diálogo, que nos permitam crescer na compreensão e no respeito. A cultura do encontro requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. Os *mass-media* podem ajudar-nos nisso, especialmente nos nossos dias em que as redes da comunicação humana atingiram progressos sem precedentes. Particularmente a *internet* pode

oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus.

No entanto, existem aspectos problemáticos: a velocidade da informação supera a nossa capacidade de reflexão e discernimento, e não permite uma expressão equilibrada e correcta de si mesmo. A variedade das opiniões expressas pode ser sentida como riqueza, mas é possível também fechar-se numa esfera de informações que correspondem apenas às nossas expectativas e às nossas ideias, ou mesmo a determinados interesses políticos e económicos. O ambiente de comunicação pode ajudar-nos a crescer ou, pelo contrário, desorientar-nos. O desejo de conexão digital pode acabar por nos isolar do nosso próximo, de quem está mais perto de nós. Sem esquecer que a pessoa que, pelas mais diversas razões, não tem acesso aos meios de comunicação social corre o risco de ser excluído.

Estes limites são reais, mas não justificam uma rejeição dos *mass-media*; antes, recordam-nos que, em última análise, a comunicação é uma conquista mais humana que tecnológica. Portanto haverá alguma coisa, no ambiente digital, que nos ajuda a crescer em humanidade e na compreensão recíproca? Devemos, por exemplo, recuperar um certo sentido de pausa e calma. Isto requer tempo e capacidade de fazer silêncio para escutar. Temos necessidade também de ser pacientes, se quisermos compreender aqueles que são diferentes de nós: uma pessoa expressa-se plenamente a si mesma, não quando é simplesmente tolerada, mas quando sabe que é verdadeiramente acolhida. Se estamos verdadeiramente desejosos de escutar os outros, então aprenderemos a ver o mundo com olhos diferentes e a apreciar a experiência humana tal como se manifesta nas várias culturas e tradições. Entretanto saberemos apreciar melhor também os grandes valores inspirados pelo Cristianismo, como, por exemplo, a visão do ser humano como pessoa, o matrimónio e a família, a distinção entre esfera religiosa e esfera política, os princípios de solidariedade e subsidiariedade, entre outros.

Então, como pode a comunicação estar ao serviço de uma autêntica cultura do encontro? E – para nós, discípulos do Senhor – que significa, segundo o Evangelho, encontrar uma pessoa? Como é possível, apesar de todas as nossas limitações e pecados, ser verdadeiramente próximo aos outros? Estas perguntas resumem-se naquela que, um dia, um escriba – isto é, um comunicador – pôs a Jesus: «E quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29). Esta pergunta ajuda-nos a compreender a comunicação em termos de proximidade. Poderíamos traduzi-la assim: Como se manifesta a «proximidade» no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais? Encontro resposta na parábola do bom samaritano, que é também uma parábola do comunicador. Na realidade, quem comunica faz-se próximo. E o bom samaritano não só se faz próximo, mas cuida do homem que encontra quase morto ao lado da estrada. Jesus inverte a perspectiva: não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro. Por isso, comunicar significa tomar consciência de que somos humanos, filhos de Deus. Apraz-me definir este poder da comunicação como «proximidade».

Quando a comunicação tem como fim predominante induzir ao consumo ou à manipulação das pessoas, encontramos-nos perante uma agressão violenta como a que sofreu o homem espancado pelos assaltantes e abandonado na estrada, como lemos na parábola. Naquele homem, o levita e o sacerdote não vêem um seu próximo, mas um estranho de quem era melhor manter a distância. Naquele tempo, eram condicionados pelas regras da pureza ritual. Hoje, corremos o risco de que alguns *mass-media* nos condicionem até ao ponto de fazer-nos ignorar o nosso próximo real.

Não basta circular pelas «estradas» digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação. O próprio mundo

dos *mass-media* não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas. A neutralidade dos *mass-media* é só aparente: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais. [...]

MENSAGEM PARA O XLVIII DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Francisco

24 de Janeiro 2014

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html)

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana



## INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO – JULHO

**(PT) Para que os sacerdotes que vivem o seu trabalho pastoral com dificuldade e na solidão se sintam ajudados e confortados pela amizade com o Senhor e com os irmãos.**

**(BR) Para que os sacerdotes que vivem com dificuldade e na solidão o seu trabalho pastoral se sintam ajudados e confortados pela amizade com o Senhor e com os irmãos.**



Paulo, João Batista e Maximiliano Kolbe — e juntamente com eles muitos outros pastores de todos os tempos — viveram na própria pele a solidão, o abandono e a perseguição, mas também «a proximidade do Senhor», sobretudo nos momentos de provação. Foi um convite a reconhecer sempre a presença de Deus, até na experiência da dor e da doença, que o Papa dirigiu durante a missa.

Para a sua meditação Francisco inspirou-se no trecho da segunda carta de São Paulo a Timóteo (4, 10-17), proposto pela liturgia. «Paulo está em Roma, prisioneiro numa casa, num quarto, com uma certa liberdade, mas esperando não se sabe o quê», explicou. E «naquele momento Paulo sentiu-se sozinho»: é «a solidão do pastor quando surgem dificuldades, mas também a solidão do pastor quando se aproxima o seu fim: despojado, sozinho e mendigo». E assim eis que o apóstolo escreve a Timóteo: «Toma contigo Marcos e traze-o, porque me é muito útil para o ministério... Quando vieres, traz contigo a capa e também os livros». Portanto, Paulo sentiu-se «sozinho e mendigo: pede a Timóteo os seus poucos objetos porque Ihe podem ser úteis».

O apóstolo é «vítima de perseguição», a ponto que de uma pessoa diz: «Fez oposição cerrada à nossa pregação!». Paulo sente-se «sozinho, mendigo e vítima de perseguição» e além disso «pronuncia uma frase muito triste: "todos me desamparam!"». No tribunal permaneceu sem assistência e reconhece: «só o Senhor Jesus me assistiu e me deu forças».

É verdade que o apóstolo se sente «sozinho, mendigo, vítima de perseguição e abandonado — afirmou Francisco — mas é o grande Paulo, que ouviu a voz do Senhor, a chamada do Senhor; que andou por toda a parte, que sofreu muitas provações pela pregação do Evangelho, que fez entender aos apóstolos que o Senhor queria que também os gentios entrassem na Igreja». É «o grande Paulo que na oração subiu até ao sétimo céu e teve sensações que ninguém antes tinha tido».

Mas agora «o grande Paulo está ali, no pequeno quarto de uma casa, em Roma, esperando o final desta luta no interior da Igreja entre as partes, entre a rigidez dos judaizantes e aqueles discípulos fiéis a ele». Assim acaba a vida do grande Paulo, na desolação: não no ressentimento nem na amargura, mas na desolação interior».

De resto, observou o Papa, «Jesus tinha dito a Pedro que também ele teria acabado assim». E «todos os apóstolos tiveram o mesmo fim: "quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te amarrará o cinto e te levará para onde não queres ir!"». Este, explicou o Pontífice, «é o fim do apóstolo».

Precisamente «a partir daquele pequeno quarto de Paulo — disse Francisco — podemos pensar em dois grandes: João Batista e Maximiliano Kolbe. O primeiro «na cela, sozinho, angustiado, manda os seus discípulos a Jesus: "És tu ou temos que esperar outro?". Em seguida a excentricidade de uma bailarina e a vingança de uma adúltera cortam a sua cabeça: acaba assim o grande João Batista, do qual Jesus diz que era o maior homem já nascido de uma mulher».

E «mais próximo de nós — disse o Papa — pensemos na cela de Maximiliano Kolbe, que fez um movimento apostólico em todo o mundo e muitas coisas grandes: está naquela cela, faminto, à espera da morte» no lager de Auschwitz.

«O apóstolo, quando é fiel, só pode ter um fim igual ao de Jesus» afirmou Francisco. Ocorre precisamente «o despojamento do apóstolo: é despojado, deixado sem nada, porque foi fiel». E tem a mesma consciência de Paulo: «Só o Senhor está próximo de mim», porque «o Senhor Jesus me assistiu e me deu forças».

«O fim de Paulo» é conhecido: «Depois de quase dois anos, vivendo desta maneira, na incerteza, nestas dores de parto da Igreja, uma manhã vêm dois soldados, prendem-no, levam-no embora, cortam a sua cabeça».

Mas como pode acabar deste modo — é natural a pergunta — um «homem tão grande que viajou pelo mundo a pregar, que convenceu os apóstolos que Cristo veio também para os gentios, que praticou tanto bem. Que lutou, sofreu, pregou, teve a mais elevada contemplação?». E no entanto «esta é a lei do Evangelho: se a semente de trigo não morrer, não dá fruto, porque foi esta a lei que o próprio Jesus nos indicou com a sua pessoa». Mas com a certeza de que «depois vem a ressurreição».

Um teólogo dos primeiros séculos — recordou o Pontífice — dizia que «o sangue dos mártires era a semente dos cristãos». Porque «morrer como mártir, como testemunha de Jesus», é precisamente como «a semente que morre e dá fruto e enche a terra de novos cristãos». E quando «o pastor vive deste modo, não fica amargurado: talvez se sinta desolado, mas com a certeza de que o Senhor está sempre ao seu lado». Ao contrário, quando «o pastor na sua vida se preocupou de outras coisas que não eram os fiéis — por exemplo apegado ao poder, ao dinheiro, aos acordos, a tantas coisas

— no final não estará sozinho, talvez haja os sobrinhos que esperam a sua morte para ver o que podem levar consigo».

A tal propósito, Francisco desejou partilhar o que sente no seu coração quando «visita uma casa de repouso de sacerdotes idosos» onde — disse — me encontro com muitos sacerdotes bons que dedicaram a vida aos fiéis e estão lá, doentes, paráliticos, em cadeiras de rodas; mas imediatamente se vê o sorriso, porque sentem que o Senhor está perto deles». Não se podem certamente esquecer «os olhos brilhantes que têm e perguntam: “como vai a Igreja? Como está a diocese? Como vão as vocações?”». São preocupações que mantêm dentro deles «até ao fim, porque são padres, porque dedicaram a vida aos outros».

Concluindo o Pontífice lançou de novo o testemunho de «Paulo sozinho, mendigo, vítima de perseguição, abandonado por todos, menos que pelo Senhor Jesus: “só o Senhor Jesus me assistiu e me deu forças”». Porque, insistiu, «o pastor deve sentir esta segurança: se ele anda no caminho de Jesus, o Senhor estará ao seu lado até ao fim». Depois convidou a rezar «pelos pastores que estão no fim da sua vida e esperam que o Senhor os leve consigo». Rezemos, disse, «para que o Senhor lhes dê forças, consolação e a certeza de que, embora se sintam doentes e sozinhos, o Senhor está com eles, próximo deles: que o Senhor lhes dê a força».

#### MEDITAÇÕES MATUTINAS

Francisco

18 de outubro de 2016

#### **Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie\\_20161018\\_a-solidao-do-pastor.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20161018_a-solidao-do-pastor.html)

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

## INTENÇÃO UNIVERSAL – AGOSTO

**(PT) Para que as grandes escolhas económicas e políticas protejam a família como um tesouro da humanidade.**

**(BR) Para que as grandes escolhas econômicas e políticas protejam a família como um tesouro da humanidade.**



Por ocasião do *Festival da família*, programado em Riva del Garda, sobre o tema «O ecossistema, vida e trabalho. Emprego feminino e natalidade, bem-estar e crescimento da economia», desejo saudar e manifestar o meu apreço aos organizadores, aos relatores e a todos os participantes, pelo compromisso a favor da família. Como cidadãos, como cristãos, como famílias e como associações familiares, provenientes de diferentes profissões e ambientes, durante estes dias vós pondes em comum experiências, preocupações e projectos. Faço votos por que o vosso encontro seja profícuo!

É muito importante o tema enfrentado, que retoma e completa uma série de reflexões às quais já destes início sobre outros aspectos nas edições passadas. Vós proponde-vos oferecer sugestões de reflexão e indicações concretas a fim de que a família seja cada vez mais protagonista no contexto social, cultural e político do país. Com efeito, vós estais perfeitamente conscientes da posição insubstituível e fundamental que a família ocupa, tanto na sociedade como na comunidade eclesial. O futuro da humanidade passa através da família, e por conseguinte é necessário permitir-lhe que desempenhe o papel que lhe compete. Contudo, não é suficiente reiterar a importância da família e confirmar os seus direitos: é preciso considerar concretamente como podem articular-se as tarefas da família e os deveres da sociedade, de modo particular no que diz respeito às relações entre vida profissional e vida familiar.



A família tem uma missão que lhe é própria, ao serviço dos seus membros, do próprio desenvolvimento e da vida; tem também direitos e, portanto, precisa de assistência e garantias para os poder exercer. Além disso, a família tem inclusive deveres em relação à sociedade, ou seja, deve oferecer a sua colaboração ao serviço da comunidade. Este é um âmbito privilegiado no qual pôr em prática harmonicamente a solidariedade e a subsidiaridade, isto é, uma sinergia entre público e privado, entre empresas e famílias. Precisamente devido ao compromisso e à responsabilidade que a natalidade e a educação dos filhos exigem, as famílias precisam de uma ajuda apropriada por parte das agências públicas e das empresas, numa perspectiva de colaboração recíproca. O preocupante andamento demográfico requer, da parte de todas as pessoas concernidas, uma estratégia extraordinária e corajosa a favor das famílias. É daqui que pode começar também um relançamento da economia para o país. E nesta perspectiva deve ser reconsiderado e resolvido também o drama do desemprego, sobretudo juvenil. A falta de trabalho avilta a pessoa, que se sente inútil aos seus próprios olhos, e empobrece a sociedade, que assim fica desprovida da contribuição de forças válidas e bem dispostas.

Penso na elaboração das políticas familiares, em tudo aquilo que se refere ao estatuto jurídico e social das famílias em geral e à ajuda que deve ser oferecida às mais desfavorecidas sob os planos material e moral. Em particular, é preciso prestar atenção ao emprego feminino. Muitas mulheres sentem a necessidade de ver os seus direitos, o valor das tarefas que desempenham habitualmente nos vários sectores da vida social e profissional e as suas aspirações no seio da família e na sociedade mais reconhecidos. Algumas delas sentem-se cansadas e quase esmagadas pela quantidade de compromissos e tarefas, sem encontrar compreensão e ajuda suficientes. É necessário fazer com que a mulher não seja, por exigências económicas, obrigada a um trabalho demasiado árduo e duro e a um horário demasiado longo, que se somam a todas as suas responsabilidades de governar a casa e educar os filhos. Mas sobretudo, é necessário considerar que os compromissos da mulher, a todos os níveis da vida familiar, constituem também uma contribuição incomparável para a vida e para o porvir da sociedade.

Estimados amigos, faço votos a fim de que o *Festival da Família* dê os frutos almejados e, enquanto asseguro a minha recordação orante, é de bom grado que vos concedo a Bênção apostólica, em penhor de todos os propósitos e programas de bem e em benefício da instituição familiar, que sempre foi e continua a ser a célula vital da sociedade.

MENSAGEM PARA O ENCONTRO DE ABERTURA  
DA 3ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DA FAMÍLIA  
Francisco  
2 de Dezembro de 2014

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco\\_20141202\\_messaggio-festival-famiglia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20141202_messaggio-festival-famiglia.html)

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

**Outros textos:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco\\_20150112\\_corpo-diplomatico.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150112_corpo-diplomatico.html)

## INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - SETEMBRO

(BR - PT) Para que os jovens do continente africano tenham acesso à educação e ao trabalho no próprio país.



[...] As jovens gerações precisam sobretudo do vosso testemunho: os jovens olham para nós. Em África o futuro está nas mãos dos jovens, e hoje eles são chamados a defender-se de formas de «colonização» novas e sem escrúpulos como o sucesso, a riqueza, o poder a qualquer preço, mas também o fundamentalismo e o uso deturpado da religião, e ideologias novas que destroem a identidade das pessoas e das famílias. O caminho mais eficaz para superar a tentação de ceder a estes estilos de vida tão perigosos é investir no campo da educação. Ela será útil também para contrastar a mentalidade difundida de prepotência e violência, assim como de divisões com base social, étnica ou religiosa. Devemos preocupar-nos sobretudo por oferecer uma proposta educativa que ensine os jovens a pensar criticamente e lhes indique um percurso de maturação nos valores (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 64). Neste percurso educativo, um instrumento pode ser a pastoral escolar: quer nas escolas católicas quer nas públicas é necessário conjugar a tarefa educativa com o anúncio explícito do Evangelho (cf. *ibid.*, 132-134). [...]

DISCURSO AOS PARTICIPANTES NO SIMPÓSIO  
DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA ÁFRICA E MADAGÁSCAR  
Francisco  
7 de Fevereiro de 2015

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco\\_20150207\\_conferenze-episcopali-africa-madagascar.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_conferenze-episcopali-africa-madagascar.html)

© Copyright 2015 - Libreria Editrice Vaticana

## INTENÇÃO UNIVERSAL – OUTUBRO

**(PT) Para que os consagrados e as consagradas reavivem o seu fervor missionário e estejam presentes entre os pobres, os marginalizados e aqueles que não têm voz.**

**(BR) Para que os consagrados e as consagradas reavivem o seu fervor missionário e sejam presentes entre os pobres, os marginalizados e aqueles que não têm voz.**



[...]1. Que seja sempre verdade aquilo que eu disse uma vez: «Onde estão os religiosos, há alegria». Somos chamados a experimentar e mostrar que Deus é capaz de preencher o nosso coração e fazer-nos felizes sem necessidade de procurar noutra parte a nossa felicidade, que a autêntica fraternidade vivida nas nossas comunidades alimenta a nossa alegria, que a nossa entrega total ao serviço da Igreja, das famílias, dos jovens, dos idosos, dos pobres nos realiza como pessoas e dá plenitude à nossa vida.

Que entre nós não se vejam rostos tristes, pessoas desgostosas e insatisfeitas, porque «um seguimento triste é um triste seguimento». Também nós, como todos os outros homens e mulheres, sentimos dificuldades, noites do espírito, desilusões, doenças, declínio das forças devido à velhice. Mas, nisto mesmo, deveremos encontrar a «perfeita alegria», aprender a reconhecer o rosto de Cristo, que em tudo Se fez semelhante a nós e, conseqüentemente, sentir a alegria de saber que somos semelhantes a Ele que, por nosso amor, não Se recusou a sofrer a cruz.

Numa sociedade que ostenta o culto da eficiência, da saúde, do sucesso e que marginaliza os pobres e exclui os «perdedores», podemos testemunhar, através da nossa vida, a verdade destas palavras da Escritura: «Quando sou fraco, então é que sou forte» (2 Cor 12, 10).



Bem podemos aplicar à vida consagrada aquilo que escrevi na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, citando uma homilia de Bento XVI: «A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atracção» (n. 14). É verdade! A vida consagrada não cresce, se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo.

O que disse aos Movimentos eclesiais, na passada Vigília de Pentecostes, repito-o aqui para vós também: «Fundamentalmente, o valor da Igreja é viver o Evangelho e dar testemunho da nossa fé. A Igreja é sal da terra, é luz do mundo; é chamada a tornar presente na sociedade o fermento do Reino de Deus; e fá-lo, antes de mais nada, por meio do seu testemunho: o testemunho do amor fraterno, da solidariedade, da partilha» (18 de Maio de 2013).

2. Espero que «desperteis o mundo», porque a nota característica da vida consagrada é a profecia. Como disse aos Superiores Gerais, «a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético». Esta é a prioridade que agora se requer: «ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um religioso não deve jamais renunciar à profecia» (29 de Novembro de 2013).

O profeta recebe de Deus a capacidade de perscrutar a história em que vive e interpretar os acontecimentos: é como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (cf. *Is 21, 11-12*). Conhece a Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e as injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores que não seja a Deus, não tem outros interesses além dos de Deus. Habitualmente o profeta está da parte dos pobres e indefesos, porque sabe que o próprio Deus está da parte deles.

Deste modo espero que saibais, sem vos perder em vãs «utopias», criar «outros lugares» onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco. Mosteiros, comunidades, centros de espiritualidade, cidadelas, escolas, hospitais, casas-família e todos aqueles lugares que a caridade e a criatividade carismática fizeram nascer – e ainda farão nascer, com nova criatividade –, devem tornar-se cada vez mais o fermento para uma sociedade inspirada no Evangelho, a «cidade sobre o monte» que manifesta a verdade e a força das palavras de Jesus.

Às vezes, como aconteceu com Elias e Jonas, pode vir a tentação de fugir, de subtrair-se ao dever de profeta, porque é demasiado exigente, porque se está cansado, desiludido com os resultados. Mas o profeta sabe que nunca está sozinho. Também a nós, como fez a Jeremias, Deus assegura: «Não terás medo (...), pois Eu estou contigo para te livrar» (*Jr 1, 8*).

3. Os religiosos e as religiosas, como todas as outras pessoas consagradas, são chamados a ser «peritos em comunhão». Assim, espero que a «espiritualidade da comunhão», indicada por São João Paulo II, se torne realidade e que vós estejais na vanguarda abraçando «o grande desafio que nos espera» neste novo milénio: «fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão»[5]. Estou certo de que, neste Ano, trabalhareis a sério para que o ideal de fraternidade perseguido pelos Fundadores e pelas Fundadoras cresça, nos mais diversos níveis, como que em círculos concêntricos.

A comunhão é praticada, antes de mais nada, dentro das respectivas comunidades do Instituto. A este respeito, convido-vos a reler frequentes intervenções minhas onde não me canso de repetir que críticas, bisbilhotices, invejas, ciúmes, antagonismos são comportamentos que não têm direito de habitar nas nossas casas. Mas, posta esta premissa, o caminho da caridade que se abre diante de nós é quase infinito, porque se trata de buscar a aceitação e a solicitude recíprocas, praticar a

comunhão dos bens materiais e espirituais, a correcção fraterna, o respeito pelas pessoas mais frágeis... É «a “mística” de viver juntos» que faz da nossa vida «uma peregrinação sagrada»[6]. Tendo em conta que as nossas comunidades se tornam cada vez mais internacionais, devemos questionar-nos também sobre o relacionamento entre as pessoas de culturas diferentes. Como consentir a cada um de se exprimir, ser acolhido com os seus dons específicos, tornar-se plenamente co-responsável?

Além disso, espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, a nível local e global, projectos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da auto-referencialidade.

Ao mesmo tempo, a vida consagrada é chamada a procurar uma sinergia sincera entre todas as vocações na Igreja, a começar pelos presbíteros e os leigos, a fim de «fazer crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins»[7].

4. Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. «Ide pelo mundo inteiro» foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua hoje a dirigir a todos nós (cf. *Mc* 16, 15). A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino...

Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando.

De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Consequentemente almejo a racionalização das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor de obras mais cónsonas às exigências actuais da evangelização e da caridade, a adaptação das obras às novas necessidades.

CARTA APOSTÓLICA  
ÀS PESSOAS CONSAGRADAS  
Francisco  
21 de Novembro 2014

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/papa-francesco\\_lettera-ap\\_20141121\\_lettera-consacрати.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacрати.html)

© Copyright 2014 - Libreria Editrice Vaticana

## INTENÇÃO PELA EVANGELIZAÇÃO - NOVEMBRO

**(PT) Para que a linguagem do coração e do diálogo prevaleça sempre sobre a linguagem das armas.**

**(BR) Para que a linguagem do coração e do diálogo prevaleçam sempre sobre a linguagem das armas.**



### *Um mundo dilacerado*

2. Enquanto o século passado foi arrasado por duas guerras mundiais devastadoras, conheceu a ameaça da guerra nuclear e um grande número de outros conflitos, hoje, infelizmente, encontramos a braços com uma terrível guerra mundial aos pedaços. Não é fácil saber se o mundo de hoje seja mais ou menos violento que o de ontem, nem se os meios modernos de comunicação e a mobilidade que caracteriza a nossa época nos tornem mais conscientes da violência ou mais rendidos a ela.

Seja como for, esta violência que se exerce «aos pedaços», de maneiras diferentes e a variados níveis, provoca enormes sofrimentos de que estamos bem cientes: guerras em diferentes países e continentes; terrorismo, criminalidade e ataques armados imprevisíveis; os abusos sofridos pelos migrantes e as vítimas de tráfico humano; a devastação ambiental. E para quê? Porventura a violência permite alcançar objetivos de valor duradouro? Tudo aquilo que obtém não é, antes, desencadear represálias e espirais de conflitos letais que beneficiam apenas a poucos «senhores da guerra»?

A violência não é o remédio para o nosso mundo dilacerado. Responder à violência com a violência leva, na melhor das hipóteses, a migrações forçadas e a atrozes sofrimentos, porque grandes quantidades de recursos são destinadas a fins militares e subtraídas às exigências do dia-a-dia dos jovens, das famílias em dificuldade, dos idosos, dos doentes, da grande maioria dos habitantes da terra. No pior dos casos, pode levar à morte física e espiritual de muitos, se não mesmo de todos.

### *A Boa Nova*

3. O próprio Jesus viveu em tempos de violência. Ensinou que o verdadeiro campo de batalha, onde se defrontam a violência e a paz, é o coração humano: «Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos» (*Marcos 7, 21*). Mas, perante esta realidade, a resposta que oferece a mensagem de Cristo é radicalmente positiva: Ele pregou incansavelmente o amor incondicional de Deus, que acolhe e perdoa, e ensinou os seus discípulos a amar os inimigos (cf. *Mateus 5, 44*) e a oferecer a outra face (cf. *Mateus 5, 39*). Quando impediu, aqueles que acusavam a adúltera, de a lapidar (cf. *João 8, 1-11*) e na noite antes de morrer, quando disse a Pedro para repor a espada na bainha (cf. *Mateus 26, 52*), Jesus traçou o caminho da não-violência que Ele percorreu até ao fim, até à cruz, tendo assim estabelecido a paz e destruído a hostilidade (cf. *Efésios 2, 14-16*). Por isso, quem acolhe a Boa Nova de Jesus, sabe reconhecer a violência que carrega dentro de si e deixa-se curar pela misericórdia de Deus, tornando-se assim, por sua vez, instrumento de reconciliação, como exortava São Francisco de Assis: «A paz que anunciais com os lábios, conservai-a ainda mais abundante nos vossos corações».[3]

Hoje, ser verdadeiro discípulo de Jesus significa aderir também à sua proposta de não-violência. Esta, como afirmou o meu predecessor Bento XVI, «é realista pois considera que no mundo existe *demasiada* violência, *demasiada* injustiça e, portanto, não se pode superar esta situação, exceto se lhe contrapuser *algo mais* de amor, *algo mais* de bondade. Este "*algo mais*" vem de Deus».[4] E acrescentava sem hesitação: «a não-violência para os cristãos não é um mero comportamento tático, mas um modo de ser da pessoa, uma atitude de quem *está tão convicto do amor de Deus e do seu poder* que não tem medo de enfrentar o mal somente com as armas do amor e da verdade. O amor ao inimigo constitui o núcleo da "revolução cristã"».[5] A página evangélica – *amai os vossos inimigos* (cf. *Lucas 6, 27*) – é, justamente, considerada «a magna carta da não-violência cristã»: esta não consiste «em render-se ao mal (...), mas em responder ao mal com o bem (cf. *Romanos 12, 17-21*), quebrando dessa forma a corrente da injustiça».[6]

### *Mais poderosa que a violência*

4. Por vezes, entende-se a não-violência como rendição, negligência e passividade, mas, na realidade, não é isso. Quando a Madre Teresa recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1979, declarou claramente qual era a sua ideia de não-violência ativa: «Na nossa família, não temos necessidade de bombas e de armas, não precisamos de destruir para edificar a paz, mas apenas de estar juntos, de nos amarmos uns aos outros (...). E poderemos superar todo o mal que há no mundo».[7] Com efeito, a força das armas é enganadora. «Enquanto os traficantes de armas fazem o seu trabalho, há pobres pacificadores que, só para ajudar uma pessoa, outra e outra, dão a vida»; para estes obreiros da paz, a Madre Teresa é «um símbolo, um ícone dos nossos tempos».[8] No passado mês de setembro, tive a grande alegria de a proclamar Santa. Elogiei a sua disponibilidade para com todos «através do acolhimento e da defesa da vida humana, a dos nascituros e a dos abandonados e descartados. (...) Inclinou-se sobre as pessoas indefesas, deixadas moribundas à beira da estrada, reconhecendo a dignidade que Deus lhes dera; fez ouvir a sua voz aos poderosos da terra, para que reconhecessem a sua culpa diante dos crimes – diante dos crimes! – da pobreza criada por eles mesmos».[9] Como resposta, a sua missão – e nisto representa milhares, antes, milhões de pessoas – é ir ao encontro das vítimas com generosidade e dedicação, tocando e vendando cada corpo ferido, curando cada vida dilacerada.



MENSAGEM PARA A CELEBRAÇÃO DO 50º DIA MUNDIAL DA PAZ  
Francisco  
8 de dezembro de 2016.

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html)

© Copyright 2016 - Libreria Editrice Vaticana

## INTENÇÃO UNIVERSAL – DEZEMBRO

**(BR - PT) Para que as pessoas comprometidas com o serviço da transmissão da fé encontrem uma linguagem adaptada aos nossos dias no diálogo com as culturas.**



41. [...] As enormes e rápidas mudanças culturais exigem que prestemos constante atenção ao tentar exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade; é que, no depósito da doutrina cristã, «uma coisa é a substância (...) e outra é a formulação que a reveste».[45] Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem, devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. Com a santa intenção de lhes comunicar a verdade sobre Deus e o ser humano, nalgumas ocasiões, damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão. Deste modo, somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância. Este é o risco mais grave. Lembremo-nos de que «a expressão da verdade pode ser multiforme. E a renovação das formas de expressão torna-se necessária para transmitir ao homem de hoje a mensagem evangélica no seu significado imutável».[46]

73. Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. O Sínodo constatou que as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um

lugar privilegiado da nova evangelização.<sup>[61]</sup> Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, devido à influência dos *mass-media*, não estão imunes destas transformações culturais que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida.

74. Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural. Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos sectores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência. A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil. Enquanto há cidadãos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, muitíssimos são também os «não-cidadãos», os «meio-cidadãos» ou os «resíduos urbanos». A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes. Em muitas partes do mundo, as cidades são cenário de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas.

158. Já dizia Paulo VI que os fiéis «esperam muito desta pregação e dela poderão tirar fruto, contanto que ela seja simples, clara, directa, adaptada».<sup>[125]</sup> A simplicidade tem a ver com a linguagem utilizada. Deve ser linguagem que os destinatários compreendam, para não correr o risco de falar ao vento. Acontece frequentemente que os pregadores usam palavras que aprenderam nos seus estudos e em certos ambientes, mas que não fazem parte da linguagem comum das pessoas que os ouvem. Há palavras próprias da teologia ou da catequese, cujo significado não é compreensível para a maioria dos cristãos. O maior risco dum pregador é habituar-se à sua própria linguagem e pensar que todos os outros a usam e compreendem espontaneamente. Se se quer adaptar à linguagem dos outros, para poder chegar até eles com a Palavra, deve-se escutar muito, é preciso partilhar a vida das pessoas e prestar-lhes benévola atenção. A simplicidade e a clareza são duas coisas diferentes. A linguagem pode ser muito simples, mas pouco clara a pregação. Pode-se tornar incompreensível pela desordem, pela sua falta de lógica, ou porque trata vários temas ao mesmo tempo. Por isso, outro cuidado necessário é procurar que a pregação tenha unidade temática, uma ordem clara e ligação entre as frases, de modo que as pessoas possam facilmente seguir o pregador e captar a lógica do que lhes diz.

159. Outra característica é a linguagem positiva. Não diz tanto o que não se deve fazer, como sobretudo propõe o que podemos fazer melhor. E, se aponta algo negativo, sempre procura mostrar também um valor positivo que atraia, para não se ficar pela queixa, o lamento, a crítica ou o remorso. Além disso, uma pregação positiva oferece sempre esperança, orienta para o futuro, não nos deixa prisioneiros da negatividade. Como é bom que sacerdotes, diáconos e leigos se reúnam periodicamente para encontrarem, juntos, os recursos que tornem mais atraente a pregação!

24 de Novembro de 2013.

**Consulte a mensagem completa:**

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

© Copyright 2013 - Libreria Editrice Vaticana